

O NOME DAS PERSONAGENS E A ATUAÇÃO MELANCÓLICA NO ENREDO DA OBRA O ARREBATAMENTO DE LOL V STEIN DE MARGUERITE DURAS - UMA REFLEXÃO A PARTIR DE LACAN.

Paulo Eduardo Oliveira Santos¹
Maria Silvia Antunes Furtado²

Resumo: Far-se-á uma reflexão a partir da atuação dos personagens de modo a elencar, de que maneira é estabelecido um tom de melancolia no enredo sob a égide constante da denominação daqueles que protagonizam e antagonizam na dinâmica das cenas, que criam imagens e sentimentos melancólicos, posto que o encadeamento da narrativa subjaz essas questões na obra de Marguerite Duras *O Arrebatamento de Lol V Stein*, os significados dos nomes das personagens, promovem maior entendimento de suas dinâmicas dentro do fazer narrativo, discorrer-se-á sobre alguns desses nomes: Lol V Stein, Tatiana, Michael Richardson e Jacques Hold, principalmente.
Palavras-chaves: arrebatamento; personagens; nomes; melancolia.

A obra: o deslumbramento de lol v stein de marguerite duras.

O ponto de partida aqui escolhido, diz respeito às personagens da obra de Marguerite Duras *O Arrebatamento de Lol V Stein*, já que ao tecer os fios de seu texto, a autora, tem em seus personagens a pérola de sua tessitura. Os significados dos nomes da maioria dos personagens da obra em questão, corroboram e promovem maior entendimento de suas dinâmicas dentro do fazer narrativo, faremos aqui uma breve consideração sobre alguns desses nomes:

Lol V Stein.

Lol V. Stein, que dá título a obra, é a protagonista da narrativa. Seu nome é uma cifra de Lola Valérie Stein. Enquanto as demais personagens têm nome e sobrenome, faltam letras ao nome de Lola, já que LOLA seria o hipocorístico de DOLORES (nome próprio, mas que tem sua tradução do espanhol ao português, se o consideramos como substantivo comum, por DOR, e que é reduzido ainda mais, quando, desse primeiro nome, é suprimida a letra A (indicação do gênero feminino). Aqui parece que Duras quer manter Lol em uma “crise de identidade de gênero (esquecida de si)”, com isso, nos remete também à questão do complexo de Édipo e castração ao eliminar essa letra seguindo o seguinte esquema: *LOLA > LOL*

Seu segundo nome reduzido aqui à letra V seria a redução de VALÉRIE, variante

1-Paulo Eduardo Oliveira Santos, mestrando em Teoria Literária letras da UEMA(Universidade Estadual do Maranhão) 2016. peoespanol@hotmail.com

2-Maria Silvia Antunes Furtado, professora doutora do mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão e orientadora do presente trabalho.

francesa do que seria em português – VALÉRIA, que significa “Valente, forte, saudável” ou ainda: aquela cheia de saúde ou de força. A redução para V, aqui, mostra como a cisão, o corte em que Lol opera e direciona o seu nome ao enrijecimento, ao embrutecimento e ao estático para a próxima etapa de seu nome (após o arrebatamento): **STEIN** que em alemão significa pedra.

Assim fecha-se o ciclo do nome aquela que passa pela dor (DOLORES), perde a saúde e a força (VALERIE), e sai de si por conta dessa dor para transformar-se em uma pedra (STEIN) inerte, ensimesmada, como se não pertencesse com as coisas desse mundo, e, não se identificasse mais com ele.

Tatiana.

Com o nome **TATIANA**, amiga de Lol, também podemos fazer uma alusão ao verbo francês **TATONNER** (*se diriger au toucher, sans voir- faire differents essais avant d'agir de se decider-hésiter*), registrado assim no Dictionaire de langue française, que significa em português: *indo ao toque, sem ver- fazer vários testes antes de agir para decidir -hesitação*.

Tatiana suscita o tato e o toque, o elemento corporal se mostra como uma potência através dela, o elemento pulsional, o desejante que tanto falta a Lol, porque sempre está exilada das coisas, absorta em seu mundo. Essa personagem, Tatiana, tem sua projeção na narrativa de modo relevante no que tange a sua participação no arrebatamento, posto que ao suscitar o toque como essência que a denomina, percebe-se que, de fato ela acompanhou Lol na infância, dado que: era com Tatiana que Lol sempre se isolava; na cena do arrebatamento ela segura a mão de Lol, e, quando adulta é dela o corpo que Lol vê do campo de centeio através da janela sendo despida e acariciada por Jacques Hold.

Michael Richardson

A primeira fase do nome composto do personagem masculino que primeiro se relaciona amorosamente com Lol: **MICHAEL**- significa "Quem é como Deus?", como uma indagação, uma variação do nome Michael para Miguel, também remete ao nome de um dos sete arcanjos de Deus mencionados na Bíblia como referencial.

Michael é a versão inglesa do nome de origem hebraica **MIKHAEL** (o mesmo que Miguel, em português), formado pela junção dos elementos **MIKHAYÁH** e **EL**, que quer dizer "**Quem é como Ele?**". Esse “Ele” aqui tomado como uma referência a **DEUS**. No entanto, é preciso ver que esse questionamento era entendido como uma pergunta

retórica, que insinua que ninguém é como Ele, de modo que assim, esse nome masculino reflete a onipotência divina.

A segunda fase **RICHARDSON** significa “príncipe forte” ou “príncipe corajoso”. Richard é a versão inglesa de Ricardo, nome originado a partir do germânico RICOHARD, formado pela junção dos elementos RIK, que significa “príncipe”; e HARD, que quer dizer “forte, corajoso”. Além da língua inglesa, o nome Richard é utilizado desta mesma forma entre os falantes da francesa, alemã, tcheca, holandesa e germânica.

Jacques Hold

Também se configura na obra com uma chave de leitura nossa a partir de Duras, já que seu segundo nome: HOLD permite uma associação ao verbo TO HOLD da língua inglesa que significa abraçar em português. Esse abraço masculino que no desenrolar da trama narrativa torna-se quase que necessário à mulher, Lol, em sua busca, já vem grafado desde o nome de seu personagem até a apoteose de sua atuação na obra, o que lhe confere uma sina a ser cumprida desde sua primeira aparição, de quando é citado por Duras na obra em questão.

O enredo- a artesanania do texto e mote.

Em *O arrebatamento de Lol V Stein*, é possível perceber que a artesanania do texto é ordenada em função do ocorrido no baile do Cassino de T. Beach, em que Lol, noiva de Michel Richardson, percebe seu noivo capturado pela chegada de Anne-Marie Stretter com quem dança num nível de envolvimento e sublimação; “Lol é deixada no baile, atrás das plantas verdes” (FURTADO,2012); ela assume um estado de fragmentação e de inércia que dura um tempo considerável, a imagem e a dinâmica do ocorrido no baile a deixa em suspensão.

Alguns podem cogitar que Lol sentira ciúmes, entretanto essa premissa, que aparentemente explicaria o estado posterior dela, não se sustenta, pois, Lol suporta o baile: “*Parecia que uma audácia impregnada de si-mesma, por si só, a fazia manter-se em pé*” (Duras, 1986, p. 10). Aquela que apareceu de súbito levou seu noivo: “*Tinha-o varrido com aquele não-olhar que ela passeava pelo baile?* ” (Idem, p. 11). É a partir desse episódio que a narrativa durassiana traçará todo o seu percurso, ou seja, tendo como mote do evento de T. Beach, em que o narrador apresenta os fatos de maneira bastante curiosa, já que não é Lol quem narra, senão terceiros: Tatiana, amiga de Lol desde a

infância, e Jacques Hold, com quem Lol estabelecerá uma relação mais íntima e profunda ao passo que a narrativa vai se instaurando. Este último, Jacques Hold assume a construção do texto, revelando-se sibilinamente no decurso da narrativa e aponta, também, para o fato de que Tatiana compõe com ele, os narradores, aqueles que contam de Lol, ou seja, vemos aqui claramente a peculiar forma de constituição do texto durassiano; percebe-se que a tessitura do romance ocorre na medida das memórias que os outros tem de Lol, assim, tudo que sucede a ela é fruto daquilo que dizem e que tecem a seu respeito, vemos aqui o sujeito Lol- constituída naquilo que é contado memorialmente dela- através de Tatiana e Jacques Hold, estabelece-se, assim, uma linha tênue entre o que de fato houve no baile de T. Beach- o real, e, aquilo que aparece no *córpus* da narrativa-irreal, conforme pontua o próprio narrador: Jacques Hold, posto que a versão dele, ele próprio diz ser invenção, e a contada por Tatiana, Hold chama de irreal, conforme em: “Aqui estão mescladas, do começo ao fim, duas versões ao mesmo tempo: uma irreal, que Tatiana conta e outra que invento sobre a noite do Cassino de T. Beach. A partir daí contarei a minha história de Lol V Stein” (DURAS, 1986, p.9), dessa forma vemos como a narrativa funciona. Jacques Hold revela, através do próprio texto que a trama que diz de Lol é da ordem do irreal e do inventado, pois Silvia Furtado aponta exatamente para essa questão quando diz:

“Vejam que a história se constrói a partir do irreal e do inventado. O narrador mostra os mecanismos da máquina. Não há mais a ilusão de que as coisas funcionam por si, mas é possível ver como elas funcionam, esse novo funcionamento, como se estabelece essa nova forma de representação.”(FURTADO, 2012)

A questão de como é concebido e arquitetado todo romance possibilita pensar que a própria Lol não poderia, ela mesma, contar de si, uma vez que aquilo que ocorrera no baile, foi traumático e causou nela uma espécie de corte da palavra, posto que Lol “ se finge de morta, parece mais justo que se faz inventar os elos que me faltam na história de Lol V Stein”. apud (FURTADO 2012).

Após o Baile, Lol não amava mais a Michael Richardson e cessava ali, naquele momento, o relacionamento de Michael e Lol. O objeto “olhar” funciona como estopim no trauma subjacente, porque da ordem do inconsciente, causa em Lol, diversas reações se repararmos sobre esse “olhar”; primeiro ela busca recalca-lo; depois ela o procura, mesmo sabendo que esse trauma causado na imagem possa ser, o principal motivo de sua “agonia”. Passam-se, então dez anos, e Lol passa um período de normalidade, em que conseguiu ficar estável, ocupa um só capítulo do livro de Duras.

Um período de dez anos se sucede para Lol, caracterizado por uma existência meio que sem corpo. Um corpo do outro, mas não dela. Como tinha sido, antes de Micheal:

“Tatiana não acreditava no papel preponderante deste célebre baile de T. Beach na doença de Lol V. Stein (...) ela retrocedia as origens da doença até um momento anterior, antes mesmo da amizade entre elas. Estas origens estavam ali, em Lol V. Stein, incubadas, mas impedidas de eclodir pela grande amizade que sempre a havia envolvido em sua família e em seguida no colégio. No colégio, diz Tatiana – e não era a única a pensar - faltava já algo a Lol para estar ali. Ela dava a impressão de suportar, com um tédio tranquilo, uma pessoa com quem ela devia parecer, mas de quem perdia a lembrança a cada mínima situação. Era uma maravilha de doçura e indiferença, mudava de amigas, nunca lutava contra o tédio, (DURAS,1964, p.25)

Esse período de “volta” aparente de Lol, parece-nos uma tentativa de ela enfrentar o que ocorrera em T. Beach, já que passara um outro período recalçando aquilo que lhe veio através da imagem na cena do casino com seu noivo. Além disso, os mecanismos com os quais o texto durassiano coloca o tempo revela que é possível criar atalhos, longas passagens e décadas são transpostas em um segundo. É o que permite a Marguerite fazer com que Lola, exatamente no primeiro dia em que sai de casa, e aqui percebe-se que esse “sair de casa” pode representar também, um sair de um período de reclusão em que a a imagem do baile se lhe cortou a palavra fazendo-a recalcar, e, por isso o encontro com Jean Bedford que, entre condoído e encantado com essa moça translúcida, por vezes, transparente; que possibilita a passagem da luz através de sua massa compacta sem que haja prejuízo na percepção das formas dos objetos; que não tem essência tendo-a; impreciso ou vago, beija-lhe a mão e pede em casamento sem tê-la visto uma segunda vez.

“Ele amava aquela mulher, Lola Valerie, aquela calma presença a seu lado, aquele jeito como se dormisse em pé, aquele apagamento contínuo que lhe fazia ir e vir entre o esquecimento e os reencontros com sua lourice (blondeur), deste corpo de seda que o despertar nunca mudava, desta virtualidade constante e silenciosa que ele nomeava sua doçura, a doçura de sua mulher.” (DURAS,1964, p. 34).

Na medida em que avança o narrador com a dinâmica do romance, Lol tenta se restabelecer pelas tarefas de sua vida de mulher casada e renovada:

“Lol torna-se uma dona de casa organizada e cuida da casa, das crianças e do marido. É apenas um objeto de escolha. Defende-se numa distância e numa ausência. Jean Bedford ama essa mulher. Acredita ter escolhido bem.” (DURAS, 1964 p. 39).

Lol estabiliza-se, ou pelo menos, percebe-se uma inclinação acentuada a ficar estável através da rotina da casa. Nesse período de casada para além de ser uma esposa

exemplar, pautada principalmente na organização da casa, ela encontra aí a serenidade de que precisa:

“Uma ordem rigorosa reinava na casa de U. Bridge. A arrumação dos quartos, da sala, era uma réplica fiel das vitrines da loja (...) Lol imitava, mas quem? Os outros, todos os outros, o maior número possível de pessoas. A casa, à tarde, na sua ausência, não era um palco vazio ou se encenava o solilóquio de uma paixão absoluta da qual o sentido lhe escapava” (DURAS, 1964 p. 43)

O texto avança e passado um período em que Lol, executa mecanicamente as tarefas que lhe concernem enquanto esteve casada com Jean valem como uma espécie de válvula de escape para que ela possa se reabilitar, posto que as mesmas funcionam como uma terapia.

Após esse período de estabilidade, Lol pensa em regressar a T Beach, por estar entediada de sua vida de casada, mas fica temerosa com a possibilidade de confrontar-se com as memórias vividas de um passado funesto, dessa forma, lança-se na empreitada de constituição de uma fantasia, na posição daquela que deseja.

Lol passeia pelas ruas de sua cidade S. Thalah, chega perto da estação que leva T.Beach e muda de ideia, mas ela precisava ter ido até lá como forma de confrontar o seu passado, mas se vê impotente para esse enfrentamento . Quando vê passar em sua janela um homem e uma mulher, tratava-se de Jacques Hold e Tatiana aquela que segurara sua mão na ocasião do baile. Lol, então, escolhe Jacques Hold, ele, sempre com o paletó abraçando os ombros, o mesmo abraço que ela, Lol, almeja. Começa a segui-lo e descobre o quarto de hotel em que Tatiana e Jacques tem seus encontros amorosos os quais ela passa a testemunhar. Observa tudo de um campo de centeio; inerte e extasiada.

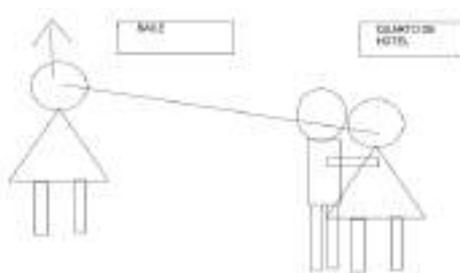
Lola, então, marca um encontro com a sua amiga de infância: Tatiana. Entretanto com o intuito de conhecer Jacques Hold, ela desperta nele a curiosidade, o interesse e o desejo, acendendo, assim, o amor dele por ela. Dessa forma, percebe-se a repetição, agora reconfigurada, da cena do baile. Nessa nova conjuntura é Lol que ocupa um lugar de destaque porque rouba para si o amante.

O desejo de Lol por Jacques Hold só é possível de realização numa virtualidade, ou seja, ela mesma não tem contato sexual com ele. Seu desejo é saciado desde que, Jacques ame e possua Tatiana. A imagem agora, não é mais capturada através das plantas, mas perpassa a visada horizontal de uma janela de um quarto de hotel. Lol satisfaz-se em compor uma mancha cinza no campo amarelo-dourado de centeio.

Assim Lol, obtém um pouco desse homem que abraça o corpo nu de Tatiana como a ela mesma, mulher desejanste. Essa imagem chega a Lol através dos reflexos do corpo branco de Tatiana, pois, a luz refletida por meio da pele branca, representa a via de realização de Lol, pois,

“O homem de T. Beach só tem uma tarefa a cumprir, sempre a mesma no universo de Lol: Michel Richardson, todas as tardes, começa a despir uma outra mulher que não é Lol e quando outros seios aparecem, brancos, sob o vestido preto, permanece lá, ofuscado, um Deus cansado por esse gesto de tirar a roupa, sua tarefa única, e Lol espera em vão que ele a retome, com seu corpo doente da outra ela grita, espera em vão, grita em vão.” (DURAS, 1986:37)

Dessa forma todo o romance do Arrebatamento de Lol V Stein ´dinamiza-se na conjectura dos narradores em revisitar a cena do baile, aquela que arrebatou ou deslumbra. A ordem dos fatos segue seu curso a partir do “trauma” que Lol sofre segundo o esquema abaixo:



O esquema anterior mostra a visão de Lol sobre o casal que se formara (o noivo de Lol e Anne-Marrie), que se atam em uma dança na qual, segundo Lacan, parecem estar soldados, a seta para cima partindo de Lol indica o (arrebatamento-deslumbramento).

Segundo Silvia Furtado(2012)

“O memorialismo literário em Marguerite Duras mostra acentuadamente o viés biográfico na criação literária. Há, em sua obra, a força da memória, a partir das recordações de sua infância em Saigon, dos tempos da guerra em Paris e da sua relação com a escrita. Entretanto, o viés ficcional é o que predomina em sua escrita. Lacan afirma que não é por conta de um sofrimento que ela repete a cena do baile, mas por um “nó que se reata aí”. Ele diz que “(...) o que é atado por esse nó é propriamente o que arrebatou”. Para ele, nesta cena em que Lol é “desinvestida de seu amante” esse significante se enrosca a outro significante que revela uma “nudez indizível”; ela fica sem palavras, presa em uma fantasia que repete, presa à cena em que Michael Richardson tivesse levantado o vestido preto de Anne-Marie Stretter.”

Referencias bibliográficas.

DURAS, Margurite. O deslumbramento de Lol. V. Stein. Trad. Ana Maria Falcão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. FURTADO, Silvia, A Memória do Narrador em o Arrebatamento de lol. v. stein publicação na Revista Garrafa, 2012.

_____. Outros escritos. LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol. V. Stein. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.